

# A Opinião Pública e a Guerra

*Evaristo de Moraes Filho*

(Especial para o DIÁRIO DE NOTÍCIAS)

EMBORA pareça paradoxal, nunca a opinião pública esteve tão alerta como agora, neste momento decisivo da história universal. Sabe ela muito bem, com aquele profundo instinto de adivinhar as coisas que só o povo possui, que chegou o seu momento de se interessar pela conduta dos homens que dirigem a guerra, porque é nestes instantes que se jogam os destinos de séculos inteiros.

Nem sempre os governos tomam consciência deste fato, mas a verdade é que, em todos os minutos da sua vida, não conseguem eles escapar ao controle e ao olhar parado e vigilante dos governados que o cercam. Lembram às vezes certos mágicos que executam os seus malarismos com a mão trêmula, nervosos pela presença constante da platéia que não perde um só gesto seu. Há nisso muito de cobra com sapo: este, coitadinho, pula, pula, mas acaba sempre por cair exatamente na boca da ilustre senhora. Não nos iludamos, os governos sozinhos não fazem a história geral, real e verdadeira, a história humana e silenciosa, que empurra o mundo para diante — o mais que conseguem é entrar na simples história episódica e narrativa.

Esta, a grande "ironia da história" de que nos falava Hegel. A vida vai sempre andando para a frente, no caminho predefinido que se traçou, indiferente aos empurrões e retrocessos de certos grupos dominantes. Um pouco mais para aqui ou para ali, não importa, a continuidade humana atravessa dos tempos não se rompe nunca. Com algum sofrimento mais, com as lágrimas de muitos infelizes e a luta desesperada dos expoliados, mas assim mesmo não se detém a história, e vai sempre adiante na busca da elevação dos moradores desta terra e da maior liberdade humana.

Vemos por essa mesma história universal, que o homem não desistiu nunca de prosseguir nessa conquista da sua liberdade. Sofreu em todas as idades, foi escravo na antiguidade, serviu na idade média, suportou os senhores feudais e quase desapareceu debaixo das monarquias absolutas, combate hoje mais do que nunca por um lugar ao sol, mas não desfalece do seu

ideal. As vezes, nem sabe bem o que está fazendo, sabe somente que está contra a tirania e a opressão, e esta resistência — também proclamada pela Revolução Francesa — já é o bom caminho e a orientação certa.

Com maior ou menor pressa, em dez anos ou em um século, os acontecimentos vão-se acumulando nessa direção. E agora, neste momento, bem sabem os que lutam — porque estão próximos uns dos outros, reunidos em grandes massas — que é chegado o instante decisivo da história. Agora, não há mais atores principais nem coro, chefes provinciais nem séquito, tudo faz parte do mesmo quadro comum. Já é tempo de conciliar-se com Miguel de Unamuno e corrigir-se o grande defeito da história oficial: se dois sujeitos brigam numa praça, com roupa colorida, grande alarido, toques de clarim, notas de cancelarias, passam logo à história, enquanto que os seus verdadeiros personagens continuam anônimos a trabalhar socega e tranquilamente nos campos e nas fábricas. É como em noticiário de jornal: só aparecem de retrato nas folhas os desordeiros, os que rompem bruscamente a calma do cotidiano vulgar, mas é este mesmo zé-povinho vulgar quem vai aguentando a vida e escrevendo, conciente ou inconscientemente, as mais belas e profundas páginas da verdadeira história.

Declarou Hume em alguma parte que o tema da história consiste em demonstrar como a soberania da opinião pública, longe de ser uma aspiração utópica, é o que sempre existiu em todos os tempos nas sociedades humanas. Conhece ela muito bem quem é seu amigo ou inimigo, apesar de nem sempre poder manifestar-se. A propósito, conta Bertrand Russel a seguinte fábula no seu livro "O Poder", página 207, da tradução portuguesa: "Passando junto ao monte Tai, Confúcio encontrou uma mulher, que chorava amargamente ao lado de

um túmulo. O Mestre apressou o passo e chegou-se a ela: então mandou Tze-lú falar-lhe. Teu pranto, disse ele, é o de quem sofreu amargura sobre amargura. Ela respondeu: Assim é. O pai do meu marido foi morto aqui por um tigre. Meu marido também morreu, e agora meu filho teve a mesma sorte. O Mestre disse: Por que não deixas este lugar? A resposta foi: Porque aqui o governo não oprime o povo. O Mestre então disse: Lembrai-vos disso, meus filhos: um governo opressor é mais terrível que os tigres".

O problema da humanização do poder, e das relações da opinião pública com o governo, é como vemos pela fábula citada muito antigo. E até hoje continua o mesmo. Nunca se viu a opressão solapar tanto as liberdades humanas como neste momento trágico para o mundo. De há muito, há séculos, vem o homem se agitando e lutando por uma existência melhor, e até hoje não a encontrou. Por isso, não se descuida a opinião pública de vigiar a conduta de seus governos. Espreita-os a qualquer instante, em todos os seus gestos, a ver para que lado querem conduzir a guerra, se lutam de verdade, com plena convicção, ou se somente por interesse ou temor.

A verdade é que não se governa com a tirania. Já no início do século passado, dizia Talleyrand a Napoleão: "Com as balonetes, Sire, pode-se fazer tudo, menos uma coisa: sentar-se em cima delas". E, embora pareça o contrário, nunca o poder precisou tanto da opinião pública como agora. Parece tiranizá-la, mas, em verdade, vive a cortejá-la por meio da propaganda, do cinema, do rádio, do jornal. A multidão é como os gatos, parecendo estar fazendo festa ao dono, está mas é afagando voluptuosamente o seu próprio pelo. A grande massa humana nunca se engana e sabe quando chega o dia da sua vingança.

É que se torne impossível a qualquer governo manter-se no

poder sem o apoio da opinião pública. E este termo, que parecia tão arcaico e sem significação, antes da guerra, nunca foi tão atual e verdadeiro. Logo no início do seu livro "La rebelión de las masas", registra Ortega y Gasset, a existência de um fato que, para bem ou para mal, é o mais importante na vida pública europeia da hora presente. Este fato é o advento das massas ao pleno poder social. A multidão, de repente, fez-se visível, instalou-se nos lugares preferentes da sociedade. Antes, passava inadvertida, ocupava o fundo do cenário social; agora, adiantou-se para as baterias, é o personagem principal.

É já no fim do livro, confessa Ortega y Gasset: "O mando é o exercício normal da autoridade. O qual se funda sempre na opinião pública — sempre, hoje como há dez mil anos, entre os ingleses como entre os botocudos. Jamais mandou alguém na terra nutrindo seu mando essencialmente de outra coisa que não seja a opinião pública".

Por isso, vimos alguns governos em desespero apelarem para o povo, e não encontrarem eco das suas palavras. Isto aconteceu na França, o antigo "pollu" ainda se lembrava bem das promessas que lhe haviam feito na guerra passada, e que não foram cumpridas. Continuou ele explorado, trabalhando, enriquecendo as duzentas famílias que dirigem a França, e quando procurava melhorar a sua condição, era fuzilado pelas costas. Para que combater por este capitalismo, que nos suga até os ossos? — era a sua pergunta.

E esta mesma opinião pública, embora adormecida e sufocada, não está morta na Alemanha e nos países ocupados. Aguarda somente o momento exato de estourar o tremendo envólucro de escravidão e domínio que a envolve, para fazer justiça com suas próprias mãos. E haverá, então, estamos certos, um completo desmascaramento dos falsos amigos da opinião pública, dos que a enganavam ou procuravam enganá-la sobre a verdadeira direção da guerra. E não escapará nenhum fascista, nazista ou seus aparentados, fascistoides de todas as falanges ou cores. Não haverá mais termo.